

“Pioneiros do Conhecimento Científico”

Padre José Manuel Semedo Azevedo

Novembro | 2012

Patrícia Santos Batista

Título:

Padre José Manuel Semedo Azevedo

Âmbito:

Integrado no SIADAP de 2012 (Objetivo 3) e no Projeto: “Pioneiros do Conhecimento Científico”, Rede de Museus do Algarve

Avaliado:

Patrícia Santos Batista – Técnico Superior de História

Avaliador:

Idalina Maria Cabrita Nunes Nobre (Chefe de Divisão de Cultura)

Objetivo:

Investigação com vista a criação de publicação em formato eletrónico sobre o Padre Semedo de Azevedo, no âmbito do projeto da RMA “Pioneiros do conhecimento científico”.

Data de Entrega:

13/Novembro/2012

1. Apresentação

A presente publicação insere-se no âmbito da iniciativa levada a cabo pela Rede de Museus do Algarve (RMA) intitulada de “Pioneiros do conhecimento científico do Algarve”.

Este projeto surgiu como precursor de uma definição de linhas estratégicas e metodologias para o inventário e salvaguarda do Património Cultural Imaterial (PCI) conjunta, por parte dos museus do Algarve.

A partir do último quartel do século XIX e sobretudo com a implantação da República, surgiu um movimento cultural, marcado pelo interesse das elites intelectuais pelas “coisas do povo”. Paralelamente aos estudos e recolhas levadas a cabo por grandes vultos como Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos ou Estácio da Veiga, surgem também alguns investigadores locais, *“movidos ao mesmo tempo, pelo interesse e curiosidade científica e pelo desejo de promoção simbólica da terra e região natal, padres, militares, homens de direito, médicos protagonizam este movimento”*¹.

Neste contexto destaca-se, em Albufeira a figura do Padre José Manuel Semedo Azevedo (n. Lagoa, 14.06.1907 – m. Albufeira, 28.02.1968), que é transferido para Albufeira em 1934 como Pároco Encomendado, aqui permaneceu até à sua morte, e deve-se a ele e ao seu gosto pela arqueologia, a primeira coleção do concelho, que ainda hoje integra parte significativa da exposição permanente do Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira.

¹ In: Texto de Proposta do projeto: “Pioneiros do conhecimento científico no Algarve”, Catarina Oliveira, 19 de Julho de 2010 Texto Policopiado).

2. Introdução

A escolha da figura do Padre José Manuel Semedo Azevedo para o caso de estudo de Albufeira, prende-se com o pioneirismo dos seus trabalhos, nomeadamente na área da arqueologia e o legado deixado, que ainda atualmente fazem parte das coleções em exibição no museu da cidade de Albufeira.

Foi ele o responsável pelas primeiras escavações nesta zona, após Estácio da Veiga, que como é sabido andou um pouco por todo o Algarve, aquando da realização da sua “Carta Arqueológica do Algarve”.

De sua iniciativa viu Albufeira abrir um museu consagrado à disciplina da Arqueologia na década de 50 do século XX. Vários foram os artigos e obras que escreveu sobre a história, arqueologia e o culto de Albufeira. Foi o fundador e diretor do Jornal *Notícias de Albufeira*.

Pela multiplicidade de ações desenvolvidas em prol do conhecimento do passado de Albufeira e da região, cabe ao museu de Albufeira retribuir o seu inestimável contributo para a cultura local, e que melhor forma senão tentar perceber melhor quem foi José Manuel Semedo Azevedo?

3. Alguns dados biográficos

José Manuel Semedo de Azevedo nasceu em Lagoa a 14 de Junho de 1907, e faleceu a 28 de Fevereiro de 1968 em Albufeira, onde exerceu o múnus durante mais de 30 anos.

Filho de José Rodrigues de Azevedo Júnior e de Maria de São José Semedo Azevedo, ambos naturais de Lagoa. Frequentou o Seminário de S. José em Faro, onde se ordenou a 21 de Junho de 1931, sendo pouco depois transferido para a paróquia de Alferce, onde desempenhou, simultaneamente, as funções de vigário e cooperador do pároco de Monchique. Foi para cumprir idêntico cargo que se transferiu para Albufeira a 20 de Junho de 1934 passando a Pároco Encomendado. Nessas funções permaneceria até morrer.

4. O Padre e investigador

O Padre Semedo Azevedo foi uma figura que se afirmou no panorama cultural algarvio, graças ao seu profundo interesse e curiosidade pelas questões ligadas ao passado da região e em particular de Albufeira.

Ao longo do seu múnus sacerdotal dedicou-se à investigação histórica e arqueológica, tendo sido o responsável pela fundação do Museu Histórico- Arqueológico de Albufeira. Grande devoto do beato Vicente de Santo António, promoveu a organização de um Congresso Internacional que teve larga repercussão na província. O seu carácter afável e culto levou-o a colaborar em vários jornais do Algarve chegando mesmo a dirigir o *Boletim Interparoquial*² que cobria as freguesias de Albufeira, Guia, Paderne e Pera, para além de no fim da vida ter dirigido o *Notícias de Albufeira*.

Publicou em livro vários trabalhos de carácter religioso e histórico, os quais lhe permitiram a admissão na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, no Instituto Português de Arqueologia, História e etnografia e na Academia Portuguesa de Ex-Libris.

A ele se deve igualmente a realização de algumas intervenções arqueológicas e achados fortuitos, não apenas na cidade de Albufeira, como também nos concelhos limítrofes de Silves e de Loulé. O sítio da Retorta, localizado neste último município, foi explorado pelo pároco (e arqueólogo amador) numa zona junto à Ribeira de Quarteira, que fazia parte da via que ligava as principais povoações antigas do litoral do Algarve Central.

Ali terá existido significativo complexo de explorações agrícolas romanas e, possivelmente, importante povoação (*vicus*). Os trabalhos realizados terão revelado uma necrópole, perto da qual o Pe. Semedo Azevedo descobriu o designado “vaso da Retorta”, um excelente exemplar de peça de cerâmica manual, em forma de sacco, com bordo alto e lábio de secção semicircular. Mostra cordão na ligação do bordo com o corpo e outro sobre o colo de onde arrancam quatro pequenas asas verticais, datável

² Publicação periódica de carácter religioso, com uma periodicidade quinzenal, fundada em 1954.

do V milénio a. C.. Esta peça encontra-se em exposição no Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira.

Foram também encontrados, o que se considera tratar, de vestígios de uma habitação de abastado proprietário romano, a avaliar pelos elementos arquitetónicos conhecidos:

- Mosaico constituído por *tesselae* de cor branca, apresentando decoração de grandes hexágonos, definidos através de linhas de *tesselae* de cor negra e, em outros sectores, de cor castanha. Cada uma daquelas figuras mostra-se subdividida em quatro hexágonos irregulares, tendo um quadrado central, também em *tesselae* negras. As grandes dimensões das *tesselae*, sempre maiores de 1 cm, indicam trabalho provincial tardio, provavelmente do século IV.
- Um capitel pertencente à ordem compósita, que conserva o volume do cesto, com secção circular e um dos quatro cantos. O cesto apresenta decoração com oito folhas de acanto que suportam um friso de ovas, desenvolvendo-se sobre estas cordão de contas e novo friso com quatro grandes volutas aos cantos. As volutas não assentam diretamente sobre as folhas dos ângulos, mas através de elementos em forma de asa, desligados do cesto. Encontra paralelo formal com outro integrado na arte merovíngia, datado de 630 proveniente da igreja de São Paulo da Abadia de Jouane (Seine-et-Marne).

Outros elementos construtivos foram exumados pelo Padre como *tegulae*, quadrantes de coluna em cerâmica, base de coluna e pilastra, ambos em calcário, sendo esta em forma paralelepédica, com moldura no interior, de contorno retangular. Vestígios de sistemas de produção são um dormente de mó em arenito e dois pesos de tear em cerâmica.

Da necrópole chegou até aos nossos dias, desenho esquemático da sua configuração, aparentemente formada por sepulturas de diferentes épocas de forma retangular e sub-retangular. As sepulturas romanas exploradas eram de dois tipos, umas de covas

simples com fundo de terra batida, outras formadas por esteios (tijolos e pedras) com as paredes laterais e coberturas constituídas por *tegulae*³.

A intervenção arqueológica terá revelado abundante espólio funerário do interior das sepulturas, tendo chegado até hoje, apenas parte deste:

- Alfinete de forma cilíndrica alongada, com ausência da cabeça;
- anel com aro de forma circular e secção sub-retangular;
- punhal constituído pela parte inferior de encabamento, de forma sub-retangular, e parte da lâmina, de forma sub-triangular, com ausência dos extremos lateral e superior;
- três brincos apresentando forma circular e numa das pontas decoração em espiral, sendo que um deles encontra-se fragmentado numa das extremidades e outro constituído por dois fragmentos;
- bracelete em metal de forma circular, com secção cilíndrica.

Relativamente ao concelho de Silves, os seus trabalhos dedicaram-se a um conjunto de sepulturas abertas na rocha, no Sítio do Poço dos Mouros (em Alcantarilha) local datado da Alta Idade Média, período visigótico (séculos VI-VII). Para além de espólio votivo e antropológico, o pároco retirou duas sepulturas para expor no seu museu arqueológico, pertencendo uma delas às coleções do museu⁴.

No centro urbano de Albufeira as recolhas e ações do pároco-arqueólogo foram diversas. Certamente devido à proximidade física desta zona, bem como da relação desenvolvida com os seus paroquianos, da qual se destaca a placa apotropaica, encontrada na zona de construção do Hotel Sol e Mar.

³ Luís Campos Paulo, *Museu Municipal de Albufeira. Reflexões para um programa de Qualificação e Reprogramação Museológica*, Estudos do Gabinete de Arqueologia, MMA, p.4, 2011 (Texto Policopiado).

⁴ Para aprofundar esta temática: Mário Varela Gomes, “A necrópole do Poço dos Mouros”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 5, n.º 2, p. 341, 346-356, 2002.

5. Publicações

5.1. Religiosas

Enquanto religioso dedicou-se ao estudo da vida do Beato Vicente, frade da Ordem de Santo Agostinho, natural de Albufeira, contribuindo para estudos futuros sobre este. Na obra de Cadafaz de Matos: *Beato Vicente de Santo António, O.S.A., homem de cultura, religioso e mártir em terras do Japão. Alguns dados para a compreensão e circulação (editorial) da sua obra na Ásia Extrema e na Europa dos séculos XVII e XVIII*, o autor reconhece a importância da ação do pároco de Albufeira:

«Não têm sido abundantes na comunidade científica portuguesa, ao longo deste século (nem em períodos anteriores), os estudos – quer de incidência biográfica quer religiosa – em torno deste mártir do Japão. Ficaram a dever-se, sobretudo, a dois historiadores locais alguns interessantes trabalhos de pesquisa hoje conhecidos que melhor permitem o redimensionamento da sua obra. Tratou-se dos algarvios Pe. José Manuel Semedo Azevedo⁵ - precisamente o responsável até há poucas décadas atrás, pela paróquia de Albufeira – e do Cónego José Cabrita, primeiro responsável por uma publicação conjunta das cartas daquele missionário, em 1967.»

Demonstrou ainda particular interesse pelo culto de St.^a Maria, tanto que deu à estampa algumas obras dedicadas a essa temática, como a obra: *Algarve terra de Santa Maria. O culto Mariano nesta Província*, onde refere:

«... ainda Portugal não existia como nação independente, (...) e já no Algarve multidões imensas, de toda a Península, convergiam em peregrinações devotas a SANTA MARIA DE OSSÓNOBA, em eras distantes, que quase remontam ao início do cristianismo. (...)

⁵ *Beato Vicente de Albufeira*, 1965; Idem, *Festa e Cortejo Alegórico do Beato Vicente de Santo António*, no dia da bênção da sua primeira imagem, Albufeira, 3 de Setembro de 1965, Faro, 1966; Idem, *Hino do Beato Vicente de Santo António* (folheto), Faro, Tipografia “União”, 1966; *Beato Vicente de Santo António, como o viram os seus contemporâneos. – Processos da sua Beatificação*, Porto, Edições “Marânus”, 1967. Organizou também o Congresso do Beato Vicente de Santo António (Albufeira, 30 de Agosto – 3 de Setembro, de 1967), do qual resultaram duas pequenas publicações alusivas a esse ato.

Os cristãos desde os primitivos tempos costumavam prestar culto cristão nos mesmos locais em que os pagãos o faziam. (...) Santa Maria deve ter surgido como uma pequena povoação em volta de um santuário dedicado à Virgem Maria de Jesus.

O facto é que deixou de falar-se de Cidade de Ossónoba para só ficar a CIDADE DE SANTA MARIA.»⁶

A ele deve-se, igualmente, o aturado trabalho de investigação ligado ao culto de Nossa Senhora da Orada, do qual resultou a publicação do livro: *Nossa Senhora da Orada. Seu culto na História de Portugal*, Tipografia União, 1956.

Nesta obra o seu autor começa por dar uma justificação pessoal pela escolha desta matéria, contando a origem da sua devoção. Para além disso o clérigo menciona, igualmente a etimologia do vocábulo ‘Orada’, sempre com uma preocupação em validar a sua exposição através da referência a fontes ou a obras bibliográficas consultadas, demonstrando, deste modo uma metodologia arreigada na cientificidade. Segue-se uma explanação acerca da Nossa Senhora da Orada na Teologia e na História, até que inicia, então, o périplo pelo país através do culto à Senhora da Orada, de Norte a Sul, mais concretamente a Albufeira.

A primeira é a Orada de Melgaço, cuja capela é classificada como Monumento Nacional desde 1910. É um interessante templo Românico de granito, edificado no século XIII (c. 1245).

Considerando o Pe. esta uma das Oradas mais importantes de Portugal, descreve as várias fontes às quais acedeu, fazendo inclusivamente a transcrição de uma escritura de Mosteiro de Fiães sobre a capela, que consultou no Arquivo de Braga, publicando depois igualmente a tradução do latim para o português. Nas páginas 27 e 28 da referida obra são reproduzidas imagens do documento original.

A partir da leitura e análise deste documento Semedo Azevedo prova a importância do culto a Nossa Senhora da Orada no início da Monarquia Portuguesa. Afirma ainda que, e uma vez que o objetivo da realização deste trabalho é “...tornar conhecido tudo o

⁶ In: José Manuel Semedo Azevedo - *Algarve terra de Santa Maria. O culto Mariano nesta Província*, pp. 6 e 7.

*que, pouco mais ou menos, se liga ao culto de Nossa Senhora da Orada, e, como quanto ao que é antigo, ninguém melhor do que os autores dos séculos passados”*⁷ daí todas as suas citações.

Depois de Melgaço segue-se a Orada de Pinheiro, no concelho de Vieira do Minho; sucede-lhe a de Refoios de Bastos (freguesia do Minho), onde existe um monte conhecido por “*Monte de Nossa Senhora da Orada*”, no cimo do qual de se ergue a pequena capela. E continua com a Orada de Cucana, onde existe uma pequena capela dedicada a s. Sebastião, mas onde é venerada a Imagem de Nossa senhora da Orada. De seguida surge a Orada de S. Vicente da Beira; aparece depois a Orada de Vila Velha do Ródão, sobre a qual o clérigo de Albufeira esclarece que então era designada Capela da Senhora da Alagada, mas na verdade a sua verdadeira invocação era à Senhora da Orada. Passa à Orada do Beco, também esta classificada como Monumento Nacional. Seguem-se as Oradas de Sousel (batalha de Atolieros), de Ourém, de Avis, Borba, Monsaraz. Surge ainda no Baixo Alentejo uma Orada associada ao trabalho das minas, pelo que é designada de Mina da Orada. Por fim chega a Albufeira.

Diz-nos o padre que o santuário de Nossa Senhora da Orada de Albufeira está em linha reta com o de Melgaço, precisamente nos extremos que marcam o maior comprimento de Portugal⁸.

Ao seu estilo o autor vai citando e fazendo a sua leitura de diversas fontes históricas sobre este culto em Albufeira. Faz também alusão às imagens da Santa e os milagres que lhe são atribuídos, concedidos aos homens do mar.

Associado a este culto e à sua importância enquanto forma de sociabilidade das gentes de um determinado lugar, que podemos afirmar tratar-se de temática a trabalhar no âmbito do Património Cultural Imaterial (PCI), existem bem materiais como a Ermida de Nossa Senhora da Orada, as imagens (a atual e uma antiga que se encontra exposta no Museu de Arte Sacra) e os ex-votos.

⁷ In: *Nossa Senhora da Orada: seu culto na História de Portugal*, 1956, p. 31

⁸ *Ibidem*, p. 81.

Em Albufeira este culto, embora com algumas alterações, ainda faz parte do imaginário e da realidade da cidade.

Senhora da Orada,

a festa como expressão das crenças e espiritualidade de uma comunidade piscatória

Os eventos festivos na sua dimensão cultural enquanto fenómenos que são transmitidos de geração em geração, constantemente recriados e vividos como parte da identidade de uma comunidade, são elementos importantes para perceber as vivências de um determinado grupo na sua relação com meio.

Em Albufeira a ligação ao mar expressa-se na devoção dos pescadores a Nossa Senhora da Orada, em honra da qual se realiza a festa homónima, cujo ponto alto é a procissão que se realiza a 14 de Agosto.

A Lenda

Reza a lenda que “um grupo de pescadores encontra uma imagem de Nossa Senhora e transfere-a para a igreja local. A imagem volta, contudo, a aparecer no sítio de origem no dia seguinte e a população erige uma capela no local.”

A ermida foi construída num local ermo e deserto, em frente da Torre de Vigia da Baleeira, num vale cercado a Oeste, Este e Norte por montes relativamente elevados e a Sul, pela Rocha da Ponta da Baleeira, na designada Várzea da Orada, onde atualmente se localiza a Marina de Albufeira.

Tratando-se de um templo de devoção dos pescadores, no seu interior encontram-se ex-votos que evocam os milagres e os dramas da vida dos mareantes.

São muitas as lendas e milagres atribuídos a esta santa, o Padre Cardoso, no Dicionário Geográfico, de 1758 refere a esse propósito: “... se venera com a mesma afluência de Milagres em todas as aflições e com especialidade nos Marianes e por muitas vezes se achou a Imagem com as roupas molhadas de agua salgada, e cheias de areia como sinal de ter valido o seo amparo aos que flutuavam nos mares.”

A dinâmica económica e social da festa

A festa era um acontecimento muito importante no calendário da vida social albufeirense, durante meses a comunidade piscatória envolvia-se nos preparativos da festa, este era, a par da festa do Senhor dos Passos, o grande acontecimento do ano, “era dia de vestir a roupa nova, preparada semanas antes”, relembram os mais velhos.

Nos dias de festa realizava-se também a feira da Orada, no adro da ermida, esta foi instituída por D. José, a 21 de Maio de 1766: “...devotos da Irmandade de N. S.^a da Orada venerada na Igreja junto á Vila de Albufeira me apresentaram por sua petição para ele poderem trazer aquela igreja com toda a ordem culto e veneração (...) e porque a Imagem da mesma Excelsa Senhora, é muito milagrosa e se festeja no dia 15 de Agosto em que nesse dia há grande concurso de gente ao dito sitio pretendem fazer no mesmo dia uma feira franca aplicando-se o terrado para o culto da mesma Senhora passe a presente Provisão para que no dito dia 15 de Agosto de cada ano se possa fazer uma feira franca de 3 dias...” aproveitando, deste modo a afluência do grande número de fiéis que aqui se deslocava em homenagem à Senhora da Orada, vindo de vários pontos do Algarve, sobretudo da cidade de Faro.

A tradicional procissão de 14 de Agosto fazia-se da capela até à zona do túnel, na esplanada (o Hotel Sol e Mar ainda não tinha sido construído) e aí parava virada para o mar, onde as embarcações dos pescadores, não apenas dos de Albufeira, se juntavam para celebrar a sua padroeira e faziam-no com apitos e ovações, regressando depois ao trabalho. O seu itinerário passava pelo coração da vila antiga e o seu momento alto culminava em frente à praia.

A espacialidade da festa – a ligação ao mar – uma história recente que confirma a vitalidade de uma tradição secular...

A partir da década de 70 do século passado o trajeto da procissão passou a ser feito por mar, certamente devido à realidade da vila de então, em que a pesca já não representava a atividade principal de Albufeira.

Durante o Estado Novo o cortejo era acompanhado ao som da Banda da Mocidade Portuguesa, hoje em dia é pela Banda Filarmónica de Paderne.

O atual percurso faz-se por mar, a imagem da Senhora da Orada entra numa embarcação típica, transportada pelos pescadores de Albufeira, no cais do Porto de Abrigo (perto da marina) e percorre a costa até à praia do INATEL, mantendo a sua forte ligação com os homens do mar.

À multidão de fiéis juntam-se agora também os turistas, a festa ganha uma nova dimensão, mas a sua origem mantém-se, esta é a padroeira dos pescadores e o seu culto remonta a uma época anterior ao século XVII. Ou seja, apesar do crescimento turístico, a raiz e a vocação piscatória é anualmente evocada através da celebração de Nossa Senhora da Orada.

Ainda acerca da vida religiosa o Padre Semedo Azevedo editou em 1960 o livro: *Procissão da Semana Santa e Domingo de Páscoa*. Trata-se de um Guia Litúrgico que foi aprovado pelo Cónego José Cabrita: “*Nada contém contra a fé e a moral e encerra interessantes notas históricas Nihil obstat*” e pelo Bispo do Algarve D. Frei Francisco Rendeiro que autoriza a impressão.

Do ponto de vista da nossa análise o teor desta obra não se reveste de particular interesse, porém, chamou-nos à atenção a forma como o padre então se apresentava, ou seja como resumia ele próprio o seu Curriculum Vitae: “*Padre José Manuel Semedo Azevedo, Sacerdote secular da Diocese do Algarve, Pároco da Freguesia de Albufeira. Sócio correspondente da Academia Portuguesa de Ex-Libris. Sócio efectivo da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia na Faculdade de Ciências do Porto. Sócio correspondente do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia. Organizador do Museu Arqueológico-Histórico de Albufeira.*”⁹

5.2. Trabalhos científicos

Em relação a obras ligadas ao património cultural, várias foram as suas áreas de interesse, pelo que daí resultaram diversas pequenas publicações, algumas das quais constituídas por comunicações apresentadas pelo pároco de Albufeira em congressos.

No âmbito do I Congresso Nacional de Arqueologia, o Pe. de Albufeira apresentou uma comunicação intitulada: “*Retorta Antiga Carteia?*”, onde coloca a hipótese de o Sítio da Retorta, localizado: “*Numa pequena elevação de terreno entre a Ribeira de Quarteira e as terras hoje de Morgado do mesmo nome, fazendo uma espécie de triângulo cujo lado mais ocidental é a antiga ponte romana, «Ponte Barão», contornando pela estrada que vem de Albufeira, pela ribeira, e por uma pequena depressão do terreno antigo leito das águas da ribeira fica uma faixa de terra com várias hortas propriedade de diferentes donos*”¹⁰, se tratar da antiga Carteia.

⁹ In: *Procissão da Semana Santa e Domingo de Páscoa*.

¹⁰ «Retorta Antiga Carteia?», In: *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, Instituto de Alta Cultura, Vol. II, Lisboa, 1958, p. 116.

Na verdade, da Retorta são originários diversos materiais romanos, já anteriormente elencados neste estudo, e que constituem parte da coleção do museu de arqueologia de Albufeira.

Como era apanágio do clérigo, ao longo de todo o artigo há diversas citações e referência a fontes, reforçando, assim as suas afirmações, mas também denotando o rigor científico que este imprimia aos seus trabalhos. Contudo, não foge à sua vocação de religioso, terminado a sua exposição com um episódio bíblico, ao comparar-se a David na presença de doutos e experimentados arqueólogos que integram o Congresso, afirmando: “ *Também eu à sua semelhança [de David] espero que Deus me faça encontrar entre os calhaus da ribeira de Quarteira e seus arredores algo que me dê a vitória de poder provar que aqui foi a antiga Carteia de outros tempos, cidade evangelizada por um dos sete Varões Apostólicos, foco de irradiação do Cristianismo para todo o Algarve.*”¹¹

No IV Colóquio Portuense de Arqueologia, apresentou o artigo “Arqueologia no Algarve”, que consiste na descrição do que o padre observou numa visita à serra do Caldeirão.

Refere o autor que “*Esta viagem era tanto mais urgente quanto eu sabia que numa soleira de porta, da Aldeia de Jiões*¹², *havia uma pedra de ardósia, que eu tinha visto o ano passado, e que me pareceu ter uma inscrição Lusitana ou Ibérica.*”

Descreve a viagem, as paragens que fez e as pessoas (alguns párocos) dos locais por onde foi passando entre Cachopo e Alcoutim.

Faz referências a Estácio da Veiga e cita-o, o que demonstra um conhecimento da sua obra e ação ao nível do trabalho feito no terreno por este arqueólogo. Nesta pequena deslocação o padre foi a Giões, Martim Longo e Vaqueiros, com o intuito de confirmar no local vestígios que pudessem estar sujeitos a destruição.

Em jeito de conclusão ainda afirma: “*Bom seria que surgissem pessoas animadas de boa vontade a trabalhar na Arqueologia algarvia. Actualmente poucas ou nenhuma*

¹¹ Ibdem, «art.cit.», p. 124.

¹² Giões, concelho de Alcoutim.

são as que se interessam por isso.” Sem dúvida um alerta e uma chamada de atenção para a importância do património arqueológico do Algarve, ideia, que uma vez mais reflete a preocupação que estes assuntos teriam no espírito do religioso.

Percebe-se o pioneirismo deste amador da arqueologia albufeirense, quando os seus trabalhos e reflexões escritas continuam a ser citados e constituem pontos de partida para as atuais investigações e reformulações do conhecimento do passado mais longínquo deste concelho. Refiro-me ao artigo intitulado: “Albufeira Medieval”, apresentado em Braga, no ano de 1963, no âmbito do Congresso Histórico de Portugal Medieval.

Nesta explanação o pároco reporta-se a vários sítios, que ainda hoje, detêm valor patrimonial no contexto da arqueologia regional e concelhia. Alude ao sítio de Retorta (local de proveniência de grande parte do espólio que integra a coleção da Fábrica da Paróquia de Albufeira), a Santa Eulália, sobre o qual afirma: *“A dois ou três quilómetros, a nascente da vila, há o sítio de Santa Eulália, onde existiu uma igreja dedicada a essa Santa”,* cuja antiguidade do sítio é atestada, segundo o autor, pelos materiais romanos aí encontrados. Mais, menciona ainda, por forma a reforçar a sua ideia, uma doação feita em 1372, a Domingues Anes *“ de uma herdade que a Ordem de Aviz tinha» no termo de Albofeira no Vale de Santa Eulália e logar que chamam Mosqueira» ”.*

Segue-se uma transcrição de um estudo efetuado pela Real Academia da História Portuguesa, no século XVIII (1722):

«Q’ distante da V.ª de Albofeira meya legoa havia uma Ermida de St.ª Eulália cuja Imagem fora levada duas vezes pelos Mouros a Berberia: na primeira foi resgatada por aquele Povo por excessivo preço: na segunda ajustouse o resgate pl.ª pezo da St.ª Imagem, a qual posta de huma parte na balança, e da outra o dinheiro pezou um so pataca. Pede-se noticia se existe ainda a Imagem, e aonde? Visto dizer-se q ainda existem as paredes da Ermida, e haver gente q ainda se lembra dela, e de ter ali Ermitão.»¹³

¹³ José Manuel Semedo Azevedo – “Albufeira Medieval”, p.6.

Denota-se, uma vez mais a preocupação com a citação de fontes, o que se considera uma importante informação para o estudo da arqueologia daquele sítio.

Outros aspetos e informações foram entretanto postas em causa, face a novos achados e diferentes interpretações, no entanto, saliente-se, o papel deste estudioso no processo de construção do conhecimento histórico., em particular do concelho de Albufeira.

Refere, a título de exemplo, que *“uma pedra há pouco encontrada”* junto às obras de construção do *“grande hotel”*, como ele o chama, trata-se de um elemento visigótico, quando atualmente esta peça se encontra em exposição no Museu Municipal de Arqueologia, tendo sido datada do século X, pelo Arq. Mário Varela Gomes, que diz estarmos na presença de uma placa apotropaica, do período islâmico, portanto e que permite atestar a precoce ocupação de Albufeira e confirmar a existência de um castelo nesta zona da cidade.

Se a respeito da atribuição cronológica da Placa Apotropaica o Padre não estava correto, o mesmo não se pode afirmar quanto à identificação das portas do castelo muçulmano:

- Porta da Praça que ficava junto à Torre do Relógio;
- Porta de Santana, que dava para o cais atual (Bairro de Santana);
- Porta do Norte ou da Praia que, por meio de uma rua antiga que ainda hoje existe, comunicava com a Meia Laranja (atual Largo Eng.º Duarte Pacheco).

Prossegue o religioso na sua exposição sobre Albufeira medieval, com recurso a citações e referência a documentos, concluindo que mesmo após a reconquista Albufeira manteve o seu dinamismo económico, teoria, hoje em dia, totalmente posta em causa. Sabe-se que a vila de Albufeira desempenhou o seu papel no contexto da história regional, sem, contudo se distinguir pelo seu crescimento, seja populacional, seja económico.

Aquando da Expansão e face à sua ligação ao mar, bem como devido à existência de matéria-prima, no então designado “Pinhal do Concelho”, Albufeira conheceu algum dinamismo, porém nunca atingiu as dimensões de Lagos, por exemplo.

No ano de 1964 editava mais um livro, desta feita dedicado ao Museu Arqueológico-Histórico de Albufeira¹⁴. Este é uma espécie de roteiro do museu, onde o padre nos guia não só pelas salas expositivas, como faz uma descrição das peças e conta um pouco da história desta instituição.

O museu abriu a 15 de Setembro de 1958, pela mão do seu organizador e mentor, o padre Semedo Azevedo. Diz-nos a propósito da cerimónia de inauguração, que coincidiu com a Festa de Nossa Senhora das Dores, que estiveram presentes vários vultos da terra, entre eles o então presidente da Câmara Henrique Gomes Vieira.

No seu discurso inaugural percebe-se que a abertura deste espaço de cariz museológico ganhou sentido devido às descobertas que o pároco fizera no Sítio da Retorta. Aqui foram encontrados vestígios da época romana: capitel, vários tijolos e bocados de tégulas, conforme já foi mencionado.

O espaço do museu apresentava-se pequeno para todas as peças reunidas pelo padre e arqueólogo amador, estava então constituída a primeira coleção arqueológica de Albufeira.

Em termos de organização do espaço expositivo este era composto por uma sala romana e uma sala visigótica, inauguradas em 1959 pelo Bispo do Algarve que se deslocou a Albufeira em Visita Pastoral.

Para além dos objetos romanos e visigodos, a coleção tinha também elementos da antiga matriz, incluindo painel de azulejos; imagens de santos; pedras d’armas.

O painel de azulejos, que viria a ser alvo de uma pequena publicação: *Pequena Monografia do Painel da Ressurreição*, foi uma descoberta muito feliz, numa antiga cozinha da vila, dispostos de forma aleatória, sem se perceber ao certo do que se

¹⁴ Padre José Manuel Semedo Azevedo – *Museu Arqueológico-Histórico de Albufeira. História dos seus primeiros anos*, Albufeira, 1964.

tratava, vislumbravam-se alguns azulejos policromos, mas a maior parte estava coberta de cal.

Em troca de azulejos brancos o pároco negociou aqueles azulejos para verificar se se trataria de algo interessante. Após 15 dias de tentativas, Semedo Azevedo, conseguiu montar o “puzzle” e recompor o painel da Ressurreição, que se encontra ainda hoje, exposto no Museu de Arte sacra (Igreja de S. Sebastião).

A dada altura na publicação sobre o museu, escreve o seu diretor: *“Passaram-se dois anos. As salas continuam a não chegar para expor todas as peças arqueológicas e históricas que vão aparecendo. Torna-se cada vez mais urgente fazer obras de ampliação e de conservação pois chove nalguns lugares prejudicando os objectos expostos”*, preocupações bastante atuais nos museus que se prendem com umas das funções museológicas essencial, que é a conservação das coleções. Claro que, como se pode aferir a partir do desabafo do padre, as condições da Igreja de S. Sebastião transformada em museu não eram as mais indicadas, uma vez que este refere que há zonas em que chovia.

Quanto à sua perspetiva de museu, declara o padre e diretor do museu de Albufeira: *“Conhecendo e concordando com a teoria moderna que afirma que um MUSEU não é uma coisa morta mas deve dar-se-lhe vida chamando para ele a atenção do público (...)”*¹⁵, esta afirmação demonstra, uma vez mais que José Semedo Azevedo era uma pessoa informada e interessada, refletindo uma atitude muito inovadora para a época, não nos podemos esquecer que estamos a falar de um padre de uma freguesia de província que no início dos anos 60 do século XX, faz uma afirmação como esta, indo ao encontro das linhas orientadoras da Nova Museologia¹⁶. Mais avançado ainda se pensarmos que vigorava então um regime político ditatorial.

Apesar de expressar tal ideia, a forma como dinamizou o “seu” museu, foi através da realização de um presépio, a essência em si era inovadora, a maneira como a concretizou, porém, não fugiu à sua vocação e origem de religioso que era.

¹⁵ Idem, *ibidem*, p.17.

¹⁶ O próprio conceito de Nova Museologia começou a ganhar forma ao longo das décadas 50 e 60 do séc. XX, constituindo a Declaração de Santiago (documento saído da Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972) um marco na sua definição.

Contudo a montagem deste presépio, como fator de novidade, para atrair mais públicos, foi algo que se desenrolou com alguns traços que diria intemporais, ou pelo menos ainda atuais. Ora vejamos, para construir o presépio, o diretor do museu recorreu ao Sr. José de Mendonça, que trabalhou de forma voluntária, ainda hoje os museus recorrem (cada vez mais) a voluntários, sendo o ideal, cada estrutura museológica definir uma política de voluntariado, à semelhança do que faz para outros campos de atuação.

Para além do Presépio Monumental que se instalou no museu, o padre compôs e gravou música para acompanhar a visita, tendo decorrido a inauguração do presépio a 23 de Dezembro de 1962, que contou com a presença do Bispo do Algarve, o Governador Civil e os representantes da autarquia. No discurso de apresentação desta iniciativa, assume o pároco que esta ideia lhe surgiu devido à necessidade de atrair a atenção de diversas entidades para o seu museu, e como uma maneira para angariar alguns meios que permitissem a subsistência desta estrutura, justificando através do dinamismo o investimento de eventuais entidades, aspeto muito próximo das ações de marketing e de angariação de mecenas ou patrocinadores para os museus ou para o apoio de uma atividade específica.

5.3. Jornal *Notícias de Albufeira*

Conforme já foi referido na primeira parte deste estudo, o Pe. José Manuel Semedo Azevedo, foi um dos fundadores e primeiro diretor do jornal *Notícias de Albufeira*, em conjunto com o arquiteto Norberto Correia, que desempenhava as funções de editor e tinha como principal colaborador João Gentil Marques, que era ao mesmo tempo correspondente do jornal em Lisboa.

A periodicidade do jornal era quinzenal, saía aos domingos e a sua conotação, segundo ficha técnica da primeira série, era “*noticiosa, regionalista e propagandista do Turismo em Albufeira*”. Ao nível publicitário, o *Notícias de Albufeira* inseria muitos anúncios relativos à indústria hoteleira e similares da região barlaventina e tinha como secções regulares: “Primeira Coluna” (editorial); “Lendas de Portugal”, secção histórica a cargo

de Gentil Marques; “Agenda”, a secção social; o “Guia Utilitário de Albufeira”; “Cartas à Redacção”; “Gastronomia e Turismo”, secção a cargo do Conde de Marim; “Esplanada”, página dedicada às artes e letras; “Praia de Albufeira”, secção de divulgação turística com interessantes reportagens sobre as Praias dos Salgados, da Galé, do Evaristo, do Ninho de Andorinhas e Praia Grande; “Crónica Musical”, secção de cultura musical dirigida por Maria Fernanda Mella.

Refira-se que o nº 1 da I série este jornal publicou o programa das comemorações das festas do patrono de Albufeira, Beato Vicente, a 3 de Setembro de 1967, com o título “Comemorando gloriosamente o primeiro centenário da sua canonização”.

Consta ainda naquele extenso artigo, de duas páginas, a mensagem enviada pelo governador da província de Nagasaki (Japão), bem como a lista dos participantes no congresso que celebrou o primeiro centenário da beatificação de Vicente de Santo António e que se realizou no *Cine Pax* de Albufeira.

Fisicamente o jornal apresentava 8 páginas em formato 305 mm por 425 mm, editado em três línguas estrangeiras, (Francês, Inglês e Alemão), ao preço avulso de 1\$00 - assinatura semestral de 12\$00 e assinatura anual de 25\$00 - a primeira série do *Notícias de Albufeira* foi suspensa a 13 de Outubro de 1968, com o n.º 24. Passados vinte e cinco anos, Alfredo Machado assume a direcção do “Notícias de Albufeira”, datando a edição zero, série II, de 1 de Outubro de 1993¹⁷.

Uma vez mais destaca-se a ação inovadora dos projetos desenvolvidos pelo cônego albufeirense, neste caso observado e assinalado por Manuel da Fonseca registas nas suas *Crónicas Algarvias que diz: “...noto um jornal redigido em quatro línguas. Português, francês, inglês e alemão; um jornal de Albufeira. - Deve ser único no País – admiro-me.”*¹⁸.

No *Notícias de Albufeira* são editados vários artigos de interesse histórico, o exemplo que se segue foi publicado já após o falecimento do Pe., como último artigo da sua

¹⁷ In Brochura de *Toponímia de Albufeira, Jornal de Albufeira*, 2007.

¹⁸ Manuel da Fonseca, *Crónicas Algarvias*, Caminho, 1987.

autoria¹⁹: *“Apontamentos sobre a Feira tradicional de Albufeira - escrito pelo Rev. Semedo Azevedo – realizou-se a 4 de Fevereiro (1967?) a tradicional feira de Albufeira.*

“Devido a várias circunstâncias ela é conhecida por vários nomes. Feira de S. Braz; Feira da carne e ainda por feira do pau roxo. Ninguém actualmente lhe dá o seu nome próprio: Feira de S. Sebastião.

Quando em 1955 fizemos os nossos estudos para a publicação do livro «NOSSA SENHORA DA ORADA» fomos descobrir na Torre do Tombo um escrito antigo que nos chamou a atenção. Tratava-se exactamente da feira de 4 de Fevereiro.

Nesse Alvará de 15 de Janeiro de 1682 diz o Príncipe Regente que tendo presente o que os Procuradores da Vila de Albufeira lhes exposeram isto: «na dit villa he custume fazermos em os quatro de fevereiro feira franca há muitos annos a respeito do privelegio (sic) milagro (sic) que naquele dia fes o invicto Martir São Sebastiam, estando a V.ª empedida de contagiosos malles de que já tiveram a dita feira farnca por espaço de annos detrinminados que já estão findos há trez a qual se continua com sogeiçõa captiva»...

«Hei por bem e me praz fazer merce alem de outra que pelos mesmos respeito também fis aos ditos moradores da V.ª de Albofeira Reino do Algarve que a feira que na dita villa se faz em os quatro de fevereiro em memoria do milagre que no dito dia fes nella o glorioso mártir São Sebastião livrandoa dos malles contagiosos que padeciam seja franca por tempo de seis annos» etc, (CHANCELARIA DE D. AFONSO VI, Livro 44 de Doações, fls. 318 vº).

Em vista disto pusemo-nos a investigar qual o milagre a que se referia este Alvará.

Fomos então encontrar que a ACADEMIA REAL DA HISTÓRIA PORTUGUESA em sua sessão de 1 de Maio de 1722 determinou que fosse ouvido o cabido da Sé de Faro sobre:

«2.º Q’haverá 150 pª 200 annos ardia a Vª de Albofeira em peste, e retirada m.tª gente aos campos vio sahir sa sua Ermida em huma noite de 4 de Fevr.º ao Glorioso Martyr S.

¹⁹ In: *Notícias de Albufeira*, n.º 13, p. 7

Sebastião q acompanhado de 24 Anjos entrou na Villa correu as ruas, e visitando a Ermida de St.ª Anna se recolheu à sua, repicandose por si mesmos os Sinos com nova maravilha. A gente q estava no Campo admirado das Luzes correu á Ermida do seu glorioso Libertador, e com protento jamais ouvido achou na St.ª Imagem hum cumulo de milagres. Tinha o Santo hum pe no ar, tendo antes assentados ambos na peanha, a boca algum tanto aberta, e os olhos ellevados ao Ceo, e sendo a Imagem sem mancha ficou cuberta de nodoas. Por ultimo (cazo verdadeiramente espantoso) achouse ter o prodigioso Simulacro seis dedos em cada mão. Assim o referem as Memorias da Vª de Albufrª, mas necessita este Sucesso de prudente averiguação, visto q a maravilha a ser monstro e assim se pede q se mande averiguar se existe a dª Ermida, e Imagem na postura, e forma q fala a relação, como também se há memoria escrita desta maravilha, ou se so vive na tradição das gentes.» (Bib. ac. de Lisboa Reservados Códice 686 pag. 97; Dr. Alberto Iria, ARQUIVOS MUNICIPAIS DO ALGARVE pag. 188; «Notícias de Albufeira» N.º8 pag. 6).

(...)

Em comemoração deste facto verdadeiramente admirável começou a fazer-se uma festa neste dia e daí nasceu esta feira que era feita junto à Igreja de S. Sebastião, como nós ainda conhecemos.

(...)

Terminamos lamentando que, facto tão importante, tenha sido esquecido, nesta terra, pois que d’ele já ninguém fala e daí o dar-se a esta feira o nome de S. Braz, por ser feita no dia desse Santo; da Carne ou do pau roxo derivado dos produtos principais que se vendiam: carne de porco e cenouras roxas. (...)

A sua Última obra, também divulgada já postumamente: *Apontamentos sobre Heráldica*, foi publicada em várias edições do jornal.

6. O falecimento de José Manuel Semedo Azevedo

O Pe. Semedo Azevedo, viria a falecer a 28 de Fevereiro de 1968 em Albufeira. As reações ao seu desaparecimento não se fizeram esperar, pelo que as primeiras edições do jornal, após a sua morte, noticiaram, precisamente tal acontecimento com fotografias do funeral e publicação de várias cartas recebidas que lamentavam tal perda.

Como se verificou, anteriormente, foram ainda publicados alguns trabalhos deixados pelo cónego.

Como se afirmou, diversas personalidades da região expressaram o seu pesar através de participações especiais com artigos de cunho pessoal sobre o padre, fê-lo: o Dr. Veiga de Macedo: “À MEMÓRIA DO REVERENDO PADRE SEMEDO”. Alberto Iria, então Diretor do Arquivo Histórico Ultramarino – este relata como o conheceu em Olhão, e depois já como Prior de Albufeira o “reencontrou”, agora devido à “*sua prodigiosa actividade cultural*”. Refere ainda que: “*os estudos que deixou impressos, as iniciativas culturais a que, corajosamente, meteu ombros, algumas de projecção internacional, sempre em prol do prestígio de Albufeira, provando à sociedade o seu real valor e o seu indiscutível mérito*”²⁰.

O Bispo de Coimbra, fr. Francisco Rendeiro O. P., escreveu:

“Fica o seu Museu Arqueológico, ficam os seus livros, ficam as suas comunicações a Congressos (...). E tudo isto significa, num padre, o interesse pela história, pela arqueologia, pelos valores humanos e espirituais da sua terra.”

O testemunho do Conde Marim, com quem discutia “*assuntos de genealogia*”, refere ainda que a sua ação contribuiu para o “*esclarecimento histórico de muitas ideias erradas que tinham feito campo quase verídico há gerações*”.

A propósito de museu diz: “*O Museu, obra exclusivamente sua, aí fica a atestar o quanto ele queria a Albufeira e ao Algarve.*”

²⁰ In: Notícias de Albufeira,

Após a morte do Pe. o jornal continuou ainda por alguns meses, dirigido pelo Arquiteto Norberto Correia, no entanto viria a ser extinto em Outubro de 1968, com a publicação do último n.º, o 24, a 13 de Outubro, no qual, entre outras notícias se dava conta que Albufeira já tinha uma rua com o nome “Padre Semedo Azevedo”.

7. Em jeito de conclusão

Como se pode verificar ao longo desta pequena incursão pela vida de José Manuel Semedo Azevedo, percebe-se que a sua ação ultrapassou, em muito o âmbito da esfera religiosa. Foi, sem dúvida, uma figura curiosa e interessada, que buscou dúvidas e colocou novas interrogações numa procura pela verdade, pela origem das coisas, daí a sua atração pelo passado, pela arqueologia e pela história.

Do ponto de vista cultural é ainda hoje um nome incontornável na cidade de Albufeira, como se viu, foi graças ao seu pioneirismo que se constituiu a primeira coleção arqueológica e conseqüentemente a necessidade de criar um museu. Assim nasceu a primeira instituição museológica do concelho, já e como tivemos oportunidade de mencionar, com preocupações e desafios bem atuais ou talvez intemporais: os constrangimentos orçamentais, a necessidade de assegurar a salvaguarda dos bens arqueológicos e sobretudo uma noção clara da importância dos públicos no seio de um museu.

Considera-se, de facto esta abordagem à ciência museológica uma verdadeira “pedra no charco” no contexto e realidade em que este clérigo se inseriu. Como homem do seu tempo, seria consentâneo com o regime político vigente, como religioso tenderia a ser um conservador e no entanto abriu o caminho ao conhecimento e à investigação de Albufeira e do Algarve.

Foi um homem de cultura, percebe-se isso pela obra escrita que deixou, não apenas os artigos, como também os livros publicados, não nos esqueçamos que publicar um livro no final dos anos 50, início dos anos 60 na província, do século passado, não seria tarefa fácil.

A sua bagagem cultural reflete-se, em particular, na correspondência que mantinha com outras figuras de renome como Alberto Iria, ou nas referências que faz a bibliografia estrangeira e nacional sobre arqueologia e outros temas, na sensibilidade que teve para abraçar o projeto de fundar um jornal redigido em quatro línguas já muito virado para o turismo que começava a crescer na Albufeira de então.

Diariamente relembramos o seu trabalho e evocamos a sua memória, pois somos herdeiros diretos da sua obra. No museu, aqueles que lá trabalham, têm como referência essa figura à qual, com admiração, se referem muitas vezes no decurso das visitas orientadas à exposição permanente, como o *“pároco de Albufeira que era arqueólogo amador”*, sintetizando assim a sua ação e o seu contributo para a arqueologia do Algarve Central.

No que à investigação diz respeito esta realizou-se em várias bibliotecas. Iniciou-se a pesquisa pela Biblioteca Municipal Lídia Jorge, de Albufeira, que detêm no seu fundo três das obras da autoria do Pe.; a biblioteca municipal de Lagoa apresenta vários títulos da obra de José Manuel Semedo Azevedo, provavelmente por ele ser natural desta cidade algarvia. O artigo sobre a Retorta, que está inserido numa publicação que se encontra esgotada, foi-nos, gentilmente, cedido pela Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, a quem agradeço a atenção e amabilidade da Sr.ª Maria do Carmo.

Parte do nosso trabalho decorre ainda do contacto com a comunidade albufeirense, ou seja, com as pessoas que ainda se lembram do Pe. O Cónego Rosa, atual pároco de Albufeira, em conversa também nos forneceu diversas informações acerca do seu antecessor.

Em Albufeira existe uma rua com o seu nome, como referido, e há igualmente uma rua com o nome da sua irmã Teresa Semedo Azevedo, que foi professora em Albufeira.

Apesar do reconhecimento desta figura, que se traduz na atribuição de topónimo, a verdade é que a sua memória constituiu ainda uma ambiguidade para a comunidade por se associar a sua pessoa ao regime político, não reunindo, portanto o consenso.

No âmbito do trabalho de recolha de PCI, a obra do Pe. Semedo Azevedo, sobretudo aquela sobre o culto de N. Sr.ª da Orada, constitui um ponto de partida, uma vez que a festa anual dedicada a esta santa ainda faz parte do calendário religioso da cidade, ou seja é parte do património coletivo e intangível de Albufeira.

8. Compilação de obras

- *Albufeira medieval* / José Manuel Semedo Azevedo. Braga: [s.n.], 1963.
- *Museu Arqueológico-Histórico de Albufeira* / Pe. José Manuel Semedo Azevedo. Faro: [s.n.], 1964.
- *Nossa Senhora da Orada: seu culto na História de Portugal* / José M. Semedo Azevedo. Faro: [s.n.], 1956.
- *Pequena monografia de um painel de azulejo da Ressurreição recomposto no seu desenho primitivo* / Pe. José Manuel Semedo Azevedo. Albufeira: [s.n.], 1959.
- *Lamentos para a procissão do enterro do Senhor* / Pe. José Manuel Semedo Azevedo. Faro: [s.n.], 1964.
- *Procissões da Semana Santa e de Domingo de Páscoa não contidas do missal romano: guia litúrgico* / Pe. José Manuel Semedo Azevedo. Lisboa: [s.n.], 1960.
- *Algarve: terra de Santa Maria desde os tempos primitivos do cristianismo* / Pe. José Manuel Semedo Azevedo. Albufeira: [s.n.], 1964.
- *Os museus são centro de atracção turística* / Pe. José Manuel Semedo Azevedo. Faro: [s.n.], 1964.
- *Beato Vicente de Albufeira: sua vida e princípios do seu culto no Algarve* / Pe. José Manuel Semedo Azevedo. [S.l.: s.n.], 1965.
- *Festa e cortejo alegórico do Beato Vicente de Santo António no dia da bênção da sua 1a imagem* / José Manuel Semedo Azevedo. Albufeira: Câmara Municipal de Turismo, 196(?).
- *O antigo brasão de armas da vila de Albufeira* / Pe. José Manuel Semedo Azevedo. [S.l.: s.n.], 1966.
- *Arqueologia no Algarve: comunicação* / Pe. José Manuel Semedo Azevedo; [ed. lit.] IV Colóquio Portuense de Arqueologia. Porto: [s.n.], 1966.

- *Beato Vicente de Santo António: como o viram os seus contemporâneos: processos da sua beatificação* / [introd. Pe. José Manuel S. Azevedo]. Albufeira: Comissão de Estudos do Congresso do Beato Vicente de Santo António, 1967.

- *Proventus messis dominicae: (Manipulo 5)* / Frei André de São Nicolau; trad. Portuguesa [pelo Cónego José Cabrita; introd. Pe. José Manuel Semedo Azevedo]. Albufeira: [s.n.], 1967.

- *Cortejo alegórico do B. Vicente de Santo António* / organizado pelo P. José Manuel Semedo Azevedo. [S.l. : s.n.], 1965.

- *Cortege allegorique de la vie du Bx. Vincente de Saint Antoine* / organisé par M. l'Abbé Joseph Manuel Semedo Azevedo. [S.l. : s.n.], 1965.

- *Hino do Beato Vicente de Santo António, Padroeiro de Vila de Albufeira* / Pe. José Manuel Semedo Azevedo. [S.l.: s.n.]. 1966.

- «Retorta: antiga carteia.» / Pe. José Manuel Semedo Azevedo, In: *Actas e memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia realizado em Lisboa de 15 a 20 de Dezembro de 1958*, em homenagem ao Doutor José Leite de Vasconcellos / pref. D. Fernando de Almeida. - Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1959. - Vol. II, p. 113-124

9. Referências Bibliográficas

- **AZEVEDO, José Manuel Semedo Azevedo** – *Nossa Senhora da Orada: seu culto na História de Portugal*, Faro, 1956.
- «Retorta: antiga carteia.», In: *Actas e memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia realizado em Lisboa de 15 a 20 de Dezembro de 1958*, em homenagem ao Doutor José Leite de Vasconcellos / pref. D. Fernando de Almeida. - Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1959. - Vol. II, p. 113-124
- «Albufeira Medieval», Braga, 1963.
- *Museu Arqueológico-Histórico de Albufeira. História dos seus primeiros anos*, Albufeira, 1964.
- *Algarve terra de Santa Maria. O culto Mariano nesta Província*, Albufeira, 1964.
- **FONSECA, Manuel da** - *Crónicas Algarvias*, Caminho, 1987.
- **GOMES, Mário Varela Gomes** - “A necrópole do Poço dos Mouros”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 5, n.º 2, p. 341, 346-356, 2002
- **OLIVEIRA, Catarina** - Texto de Proposta do projeto: “Pioneiros do conhecimento científico no Algarve”, 19 de Julho de 2010.
- **MATOS, Manuel Cadafaz de** - *Beato Vicente de Santo António, O.S.A., homem de cultura, religioso e mártir em terras do Japão. Alguns dados para a compreensão e circulação (editorial) da sua obra na Ásia Extrema e na Europa dos séculos XVII e XVIII.*
- **PAULO, Luís Campos** - *Museu Municipal de Albufeira. Reflexões para um programa de Qualificação e Reprogramação Museológica*, Estudos do Gabinete de Arqueologia, MMA, 2011 (Texto Policopiado).
- *Jornal Notícias de Albufeira*
- Brochura de Toponímia de Albufeira, *Jornal de Albufeira*, 2007.